

O HOMEM PORTUGUÊS PERANTE A DOENÇA NO SÉCULO XVIII: ATITUDES E RECEITUÁRIO (*)

Por Eugénio dos Santos

Todo o homem é prisioneiro do seu tempo. Esta asserção, por mais repetida e banal que pareça, afigura-se-me pertinente e oportuna sempre e, particularmente, ao evocarmos o nosso passado colectivo. De facto, o ser humano de cada época vai realizando aquilo que pode, de acordo com as raízes, a herança que recebeu e os novos dados que conseguiu introduzir nesse património universal que são a cultura e a ciência do seu tempo. Desse modo, nada do que é construção humana deve ser encarado como definitivo. Enganaram-se redondamente os homens inspirados pela filosofia positivista do século passado que acreditaram que era possível erguer uma CIÊNCIA que seria imutável, eterna, e que asseguraria, por si só, a felicidade do género humano. O princípio da relatividade, erigido em lei, veio minar o orgulho do homem e lembrá-lo que, afinal, não há uma escala rígida, intemporal, de valores humanos. Todas as ciências, mesmo as consideradas mais exactas, tiveram que ir revendo sempre os seus princípios e meditar sobre outras hipóteses alternativas. Isto é aplicável a todas as ciências, em geral, e, muito particularmente, às humanas. Ora a medicina partilha do duplo estatuto de ciência, exacta, por um lado, e humana, pelo outro. Daí não ser de estranhar que ela tenha evoluído com extrema rapidez, designadamente nos últimos dois séculos, considerando nós hoje que certos aspectos e, designadamente, tratamentos do séc. 18, o século das luzes e da razão, sejam por nós vistos como velharias da pré-história que nos merecem apenas

* Este pequeno trabalho foi apresentado ao I Congresso Luso-Galaico de Medicina Popular, em Vilar de Perdizes (Montalegre), em Junho de 1983, visando contribuir para um melhor conhecimento da mentalidade setecentista nacional.

um sorriso de desdém. É bem certo que a mentalidade científica, laicizada, dicotómica, de que hoje partilhamos, era algo de inconcebível para os nossos antepassados de setecentos e até posteriores. Creio que nos é útil recordar estes aspectos porque eles ajudarão a mitigar o nosso demasiado optimismo em relação ao futuro!...

O sofrimento, a doença, a morte foram sempre constantes do género humano que era necessário procurar evitar ou minorar (aliás, outrora, certos flagelos como a peste, a lepra, os horrores da guerra e a morte eram muito mais frequentes e postos à consideração do público com intenção pedagógica clara...). O recurso aos intercessores, celestes ou terrestres, deve ser entendido como uma demonstração de impotência do homem para, por si só, fazer frente às adversidades do corpo ou do espírito. Recorria-se aos santos advogados sempre que não houvesse remédios acessíveis inventados pelos homens. Podemos afirmar mesmo que não havia enfermidade, anomalia ou qualquer função indispensável do ciclo da vida humana que não estivesse sob a protecção de um santo milagroso, aquele para quem se volta o espírito do desarmado, desenganado, solitário perante a adversidade ou o imprevisto. Na crença popular eram tantos e em tão grande número estes intercessores celestes que foi necessário fazer deles uma espécie de catálogo elucidativo. Limitar-me-ei a lembrar aqui apenas dois e ambos do séc. XVIII já que é o período a que a minha comunicação se refere.

O 1.º foi organizado e publicado por um padre congregado, natural de Lisboa, LUÍS CARDOSO homem culto e prestigiado, membro da Academia Real de História e o autor pôs-lhe este título sugestivo:

Receita Universal, ou breve notícia dos Santos especiais advogados contra os achaques, doenças, perigos e infortúnios a que ordinariamente vive sujeita a natureza humana. Lisboa, 1727.

O 2.º é um manuscrito anónimo da B. P. M. do Porto (n.º 569) em que são enumerados os males mais frequentes do corpo e do espírito, apontando-se o respectivo santo advogado (transcrito em anexo).

É nesta ordem de ideias que não custa a entender a razão pela qual se recorria tantas vezes também aos intercessores terrestres ... os feiticeiros, os bruxos, os próprios curandeiros — que ao uso de certos produtos naturais, manipulados com maior ou menor dose de perícia, juntavam benzeduras, orações, gestos exóticos que constituíam o ritual indispensável à libertação do mal, físico ou psíquico.

Com efeito, a natureza humana compõe-se desse duplo aspecto e, se um estiver afectado, o outro, de imediato, se ressentido. Esta constatação impôs-se sempre, mas o cristianismo, ao radicar-se progressivamente no Ocidente, acentuou, às vezes até ao paroxismo, a interferência nociva do demónio. Ele é o inimigo figadal do género humano, aquele que nunca dorme, que não pode ter sossego e que usa todas as artimanhas ao seu alcance para perseguir, oprimir ou conquistar as almas. Alguns homens e, sobretudo, mulheres prestam-se a ser seus aliados, tornam-se o seu braço visível. Dispõem-se a ajudá-lo na sua tarefa de destruição. É preciso identificá-los, denunciá-los e castigá-los severamente. Assim se explicam tantas acusações de pacto secreto com o maligno, de práticas aberrantes e ocultas, tantas condenações e mortes de vítimas inocentes, mormente em tempo de calamidade, em que o histerismo colectivo acumulado precisava de ser vasado! As fogueiras queimaram por toda a Europa dos Tempos Modernos milhares de inocentes, sumariamente condenados. Basta passar os olhos pelos índices dos processos levantados perante o Tribunal da Inquisição para que essa constatação ressalte inequívoca. Eis por que juntamente com o receituário médico empírico, confeccionado a partir de produtos vegetais, animais ou minerais, surgem nos nossos manuscritos antigos tantas fórmulas de exorcismo, tantas orações e benzeduras sobre pessoas ou animais em perigo, tantas receitas contra os feitiços. O ms., cujo conteúdo vos lerei e que refere as virtudes curativas e preservativas da casca de engaçã é disso um testemunho bem elucidativo. Seria possível reunir várias dezenas de formulários idênticos, mas não parece necessário fazê-lo. Felizmente, o próprio homem rural, isolado, do interior já se habituou a procurar explicações mais empíricas, mais naturais, mais «científicas» para aquilo que os seus antepassados atribuíam a forças ocultas e incontroláveis. A observação, a experiência, a explicação científica têm que absorver o lugar que lhes cabe, porque, como queria um autor clássico, nada do que é humano pode

ser alheio à nossa mente racional, encadeadora dos fenómenos, à nossa compreensão. De resto, quem se atreveria a negar hoje as maravilhas da ciência e da técnica? Elas existem para o bem do homem e, portanto, devem ser sempre por ele buscadas sem reservas. Nem tudo é ainda transparente e claro? Pois não. Mas continuar preso às práticas do passado seria como que voluntariamente fechar os olhos à luz. Neste congresso de Medicina Popular é útil e salutar repensar as nossas raízes, refazer mentalmente os vários estádios por que foi passando o espírito humano no seu desejo inato de conhecer e de evitar ou curar os males que o afligem, mas não podemos deixar de acentuar que o presente e o futuro exigem de nós próprios uma atitude bem diversa da dos nossos maiores. A ciência médica avançou fulgurantemente em muitos domínios e, se queremos ser homens dos fins do séc. XX, temos que a ela recorrer sem hesitação, porque o que porventura lhe escape também não será evitado de outro modo!

Antes de vos apresentar, no texto original, as virtudes curativas de certos produtos naturais, recolhidas em manuscritos do séc. XVIII, gostaria de fazer uma observação final.

O que aqui apresento não é senão uma pequena amostra das muitas centenas de receitas que seria possível explicar perante vós. Curiosamente, são todas oriundas de fontes de procedência eclesiástica e até de mosteiros ou de frades. Sem embargo de sabermos que nos conventos havia uma botica, com seu encarregado mor, o qual dispunha de guia escrito onde estava compilado tudo o que ele tinha obrigação de executar, há uma outra razão de fundo, que não quero deixar de evocar.

Na mentalidade colectiva, desde muito cedo e quase até hoje, se associou a figura do padre à do médico, muitas vezes consubstanciadas na mesma pessoa. Com efeito, o sacerdote era o médico da alma, aquele que levava alívio aos remorosos, ao espírito atormentado pelo pecado, que sossegava as consciências e que, por essa via, também restituía a paz ao homem como tal. Ora se a alma sempre foi vista como o princípio nobre, superior ao corpo, seria abusivo ver no padre também um médico do corpo? Não. É que quem tratava de um necessariamente influía no outro. E assim, em todos os países do Ocidente, o médico estava sujeito a várias jurisdições e juramentos, competindo eles indistintamente ao poder civil e à autoridade eclesiástica. Por isso ninguém poderia exercer a medicina sem dar garantias de ser bom cristão e de

avisar logo a autoridade eclesiástica, desde que presentisse qualquer sinal de enfermidade grave. O confessor acompanharia de imediato o clínico, confundindo-se por vezes as suas atribuições. De resto, a doença seria sempre um mal ? Sim, mas não só. Também era um aviso, um meio de auto-aperfeiçoamento. Deus mandava a doença aos homens para que eles não esquecessem os seus deveres sobrenaturais. D. Fr. Aleixo de Miranda Henriques, bispo de Mirand e Bragança, em 20 de Agosto de 1762, proibia aos médicos, sob pena de excomunhão, que voltassem a visitar os doentes que, uma vez admoestados, ainda se não houvessem confessado, a partir do 3.º dia da doença declarada.

Isto mesmo nos ensina o texto de autor português, anónimo, em obra de 1794, cujo manuscrito existe na Biblioteca P. M. do Porto, a que ele chamou, sugestivamente, *MEDICINA THEOLOGICA ou supplica humilde feita a todos os senhores confessores e directores sobre o modo de proceder com seus penitentes na emenda dos pecados, principalmente da Lascívia, Colera e Bebedice*.

Aí se lê:

Cap. I. Os Senhores Confessores devem ser chamados Médicos do homem e não só do seu espírito:

«...porque ser médico, quer dizer, hum sujeito que examina seu enfermo com cuidado, combina com atenção as circunstancias da culpa, julga da sua causa com inteireza, ensina com brandura quanto o penitente deve fazer para evitar seus pecados, prescreve os remédios necessários para os evitar e mesmo procura com affecto estes remédios» Cf. fl. 7.

Tem havido «tantos Escriptores despídos das Sciencias Fysicas e mesmo mui pouco críticos nas Theologicas que tudo querem attribuir à violência do Demónio e nada às enfermidades da natureza humana», o que o autor reprova com veemência, «... porque se he impossível haver operação em huma alma que seja independente da modificação do corpo com que esta unida, como he hoje sentença corrente dos filósofos, se esta união da alma e corpo he união necessária com igual correlação ou comunicação entre si, são tambem necessárias por consequência as reciprocações mutuas de suas funções e operações; ha de o confessor de necessidade ser medico do espirito e do corpo, em huma palavra ha de ser medico do homem ou destruidor de sua humanidade».

E ainda: «... considero aos confessores como médicos que curão não só o

formal dos peccados, porem também o material; isto he, que não somente conhecem dos peccados como uma transgressão da lei, mas também das cauzas fysicas de que elles dimanão, que não somente absolvem os Penitentes depois de se capacitarem da sua dor e proposito; mas também que lhes prescrevem medicamentos fysicos que os ajudarão a perseverar na emenda promettida, a vencer os maos habitos e ainda a mudallos...» (ff. 13-14), concluindo: «... eu me contendo que os Srs. confessores tivessem somente da Medicina aquelles conhecimentos fysicos que lhes mostrassem os inconvenientes da lascívia, colera e bebedice».

Não deve, pois, surpreender-nos que muitos receiptuários conservados manuscritos provenham da pena de eclesiásticos- Eram as próprias populações rurais, incultas, supersticiosas, que deles os exigiam. Só assim se explica que um livro pessoal de notas de pregações pelo interior do país, sumarie as:

«Virtudes da casa de engaçã

He hua casca de hum páo que somente o ha no gentio de Angolla do qual nasce hua haste e logo hua travessa em forma de cruz, e vão engrossando: e na haste, e travessa nascem huns canos meudos os quais nunca engrossão. A casca da parte do sol he mais incarnada, e da parte donde não handa o sol he mais branca, sem embargo que ambas tem o mesmo prestimo, mas a vermelha temçe (sic) visto o seu effeito muitas vezes.

Foy descuberta esta Arvore pelo sargento mor Francisco de Ruymim e pello dito manifesta, por ver que os passaros que hião voando por sima se desviavão por hum dos lados e se diz pellas muitas virtudes que tem obrado a casca desta Arvore ser da mesma casta do pao de que se fez o tosco madeyro com que se deo a morte ao Nosso Redemptor Christo.

As virtudes que se tem descuberto e experimentado desta casca são as seguintes:

Não só serve para empedir e tirar feytissos mas tambem para expellir o Demonio ou seja possesso ou obsesso e ahinda que os feytissos fossem queymados, ou lançados no mar ou de qualquer sorte feitos ficaria livre com o favor de Deos, quem tomar a dita casca com fe e para se conhecer se qualquer sujeyto tem feytissos e lhe meterão hum pedasso da dita casca na mão esquerda e fechando a mãos fãz logo signais evidentes, por donde dá a conhecer o malificio feyto ao tal sujeyto.

Na mão direyta dá os mesmos sinais mas com mais vagar; afugenta o demonio e principalmente quando o seu polme se dá desfeyto em agoa tepida, a beber, ao doente; e chegando a perto do nariz logo o Demonio sente pello olfato, e se aparta da creatura e a deyxã livre para tomar o remedio.

Hé tambem muito util e proveytosa para defluxos grandes, ou sejão de corpo ou da cabessa, logo os tira milagrosamente.

He tão bem muito util para Flatos ou dores flatulentas untando a parte dorida

com a massa que se faz do seu polme em agoa quente. Serve para colicas, frontadas e dores serve para sezoens de sorte que logo as tira.

Serve para as febres, para Bexigas porque logo as faz sahir e abrolhar depressa e secar por lhe tirar toda a qualidade maligna e perzerva de muitas doenças trazendo hum bocadinho no brasso esquerdo, e emquanto o trouxer não lhe farão feytissos, nem o offenderão. Para flatos e pontadas se relará em pedra, ou outra couza aspera, com hua gota de agoa e feyta massa se unirá a parte leza, ou offendida com ella e terá alivio.

Para fazer a potagem

Se fará a dita casca em pó e dispois com huas gottas de agoa comua se mexerá the fazer hua massinha como tinta de pintor e delia se tomará meya gota lançada em hum copo, ou chicara com agoa quente de sorte que fique a agoa em forma que se possa beber mexendo primeiro muito bem e se beberá a qualquer hora do dia ou noyte hua só vez.

Para expelir feytissos he necessario tomalla duas ou tres vezes conforme a fee com que a tomarem the que fiquem bons, hinda que se sintão fracos ficarão livres com o favor de deos; mas então conforme as forssas dar se há menos de meya outava e se o emfermo se achar totalmente emfraquecido fará intrepolação de dias, v. g. tomará o remedio hum dia e descansará 2 ou 3 — conforme o pedir a necessidade e se fizerem dos tais enfermos observação assim em vomitos, ou em cursos descobrirão couzas diabolicas e extraordinarias.

E suposto nas dores de colica e flatulencias se unta a parte leza com a massinha! Com ella se alivião os enfermos; e não se podem izentar de beberem a sua potagem.

Como temos dito porque he tão admiravel que bebella, o Ruym do bom, o lança fora, o que não faz outro qualquer remedio ou medicamento.

Obra por vomitos, curssos, suores e ourina conforme forem os melifícios que se tiverem feyto, nem athe agora com as muitas experiências que com esta casca se tem feyto, se sabe tenha feyto mal algum, antes muitos milagres tem obrado, porque alimpa o corpo e faz expurgar os maos humores, que nelle se acham e a experiencia o tem mostrado. Deu ma hum religiozo amigo em 16 de Novembro de 1753 (ass. Fr. Miguel de Santa Ursula Stella Coeli).

| | |
|----------|------------------------|
| Jan.º | 1, 2, 3, 6, 11, 15, 20 |
| Fev.º | 1, 7, 8 |
| Março | +15, 16, 17, 18 |
| Abril | 7, 15 1.ª 2.ª f.ª |
| Maiο | 2, 7, 20 |
| Junho | 6 |
| Julho | 13 e 15 |
| Agosto | +18 e 20 a 1.ª 2.ª f.ª |
| Setembro | 15, 18 a 1.ª 2.ª f.ª |
| Outubro | 6 |
| Novembro | 15 17 |
| Dezembro | 6 7 |

3 2.ªs. feiras: a primeira de Abril a primeira de Setembro e a primeira de Agosto. Nada de compras e vendas, nem com mulheres alheyas. Foy escripto por hum medico de Alcalá. Deos sobre tudo. São os dias críticos todos ut supra. Por todos são 31 na roda do anno.

Note bem

Annos ou dias climatericos da vida humana. Chamãoçe climatericos porque em elles periga mais a vida do homem, como por experiênçia e observação se acha.

O primeiro se compoem de 7 vezes 7 annos que he aos 49; o 2.º se compoem de 9 vezes 7 annos que he aos 63; o 3.º se compoem de 11 vezes 7 annos que he aos 77, Alguns apresentão outro de 14 vezes 7 que he aos 98.

Quais sejam os chriticos e decretorios: chamãoçe estes dias chriticos da palavra chrisis que significa subita mutação à saude: haver morte, melhoria ou peoria.

Em as infirmedidades estes dias nos mostra a experiênçia e dis Galleno contra Aberois (sic) que participão de movimentos dos Astros principalmente da lua.

O termo destes dias decretorios vem a ser 4 com que divididos por semanas toção a cada chritico 6 dias 17 horas e meya que são quazi 7 dias; tudo se pode coligir quais dias fazem mais forssa para bom ou mais chrisis.

Os dias de cada hum anno são 31; as pessoas que nos tais emfermarem tarde se levantarão e se sararem será com grande trabalho;

Os que nos tais dias cazarem não vivirão muito tempo cazados, nem lhe serão leais suas mulheres e muito menos lhe quererão bem.

Quem principiar caminho de sua caza para outra terra negociará mal e hirá com perigo, de tal sorte que lhe suçedão dezastres em sua pessoa e fazenda; e todo o trato de compras e vendas suçede muito mal. Em todos estes dias há 3 que são piores que são aos 15 de Março, aos 18 de Agosto e 18 de Setembro.

Também ha 3 2.ªs feiras muito perigosas para os que tem trato com molheres alheyas: a 1.ª segunda feira de Abril porque neste dia se perderão as cidades nefandas de Sodoma etc. guardemçe os homens em os tais dias de atos deshonestos; a 2.ª he a primeira de Agosto porque neste dia nasceo o Cahim filho de Adam; a 3.ª he a primeira de Setembro porque nella nasceo Judas que vendeo a Christo.

15 de Junho de 1754 *

Remedios para achaques

Para o fígado

Coser hūas hortigas bravas em hūa panella nova que leve 2 ou 3 canadas de agoa e depois de bem cosidas tomar o fumo daquelle cosimento (quanto mais quente puder ser) pela via do Seço? e fazendo isto 3 ou 4 vezes tempera o fígado de sorte que não torna a inquietar nem a scandalisar (?)

Para ventozidades, vestígios e flatos melancolicos

1 onça de erva doce

1 onça de fiolho

1 onça de canella fina

5 onças de coentros, tudo sementes bem secas, moídas e bem peneiradas, lançar lhe 22 onças de assucar fino e destes poos se tomará meja colher depois de comer e não se beberá sobre elles nem comerá.

* Na *Revista Lusitana*, n.º 1, ano 4, 1895, publicou P. A. d'Azevedo, um curioso artigo sobre esta matéria — dias azinhados, aziados, egípcios, etc. — e também F. Adolfo Coelho na *Revista Archeologica e Historica*, vol. I, 1887, pp. 65-66.

Para prosovejos

O sumo de fetão; o mesmo fetão pizado os mata.
Enxofre posto em huas brasas debaixo da cama logo os mata.

Para gotas e alporcas

Tomar as parias de hua mulher e as porão sobre os pez do gotozo deyxando as estar por algum tempo e dipois de tiradas mandallas enterrar. He provadissimo.

Para varrugas

Hua massam partida a meyo, esfregar as varrugas muito bem e dipois pegar na massam ajuntalla outra vez e espetalla com hum paozinho e pola a secar no lar ao fumo e como se for secando, também se secão as ditas verrugas.

Contra Feytissos

Trazer a casca de emgassa. He tambem contra o demonio; esta se cria em Angola e tem mais varios prestimos».

Cf. Ms. n.º 1 441 da B. P. M. do Porto, donde se transcreveu na íntegra.

No f. 11 há um «Formulário do exorcismo para expulsar o demónio dos possessos», que se não reproduziu aqui por parecer desnecessário.

Como referi acima, poderia apresentar-vos agora uma boas dezenas de receitas inéditas.

Muitos não nos merecerão outro adjectivo de qualificação do que ridículas, primitivas, estúpidas; a outras chamaríamos de preferência, bárbaras, cruéis, impiedosas.

Já o abade de Baçal, Francisco Manuel Alves, nas *Memórias Archeologico — Históricas do Distrito de Bragança*, Porto, 1932, vols. IX e X as classificou de modo semelhante. Mas ele próprio teve o cuidado de referir que muitas delas derivavam, em linha recta, dos tratados científicos do tempo. Assim a *Polyanthea Medicinal, Noticias Galenicis e Chymicas*. Lisboa Occidenta, 1741 e as *Observaçoes Medicas Doutrinaes de cem casos gravíssimos...* Lisboa, 1727, de João Curvo Semedo e ainda a *Pharmacopea Tubalense Chimico—galenica*, de Manuel Rodrigues Coelho, publicada em idêntico período, que tive o cuidado de compulsar, são um manancial de receitas incríveis aos nossos olhos. Senão, vejamos como exemplos (colhidos nas *Observaçoes...*):

«A mão de um defunto posta sobre as alporcas as cura por virtude oculta», p. 52.

«Os fumos dos dentes de uma caveira aplicados por um funil aos dentes que tem dor a tira», p. 612.

«O esterco de rato em pó é admirável para as dores de colica», p. 457.

«A espuma de sabão aplicada de determinada forma (que se prescreve) é admirável para curar a dureza do baço», p. 466.

«O priapo (pénis) do touro é maravilhoso para curar dores de colica e de estomago», p. 133.

«Os bofes de raposa tem grande virtude para curar a asma», p. 447.

«O pó do intestino e o excremento do lobo é excelente remédio nas cólicas ordinárias», p. 457.

Contra a bebedice

1 — vinho em que se afogaram duas enguias vivas.

2 — vinho em que se misturou um pouco de esterco de homem.

3 — suor dos companhões de um cavalo, quando estiver suado.

4 — vinho em que deitaram de infusão um ovo de um coruja mal assado e feito em talhadinhas miúdas.

5 — vinho em que deitaram uma fatia de pão que estivesse duas horas no sovaco de um agonizante.

6 — vinho que se deitou por meia hora dentro nos sapatos do mesmo bêbado, quando os descalçar, estando ainda quentes...», p. 526.

João curvo Semedo confessa que a *Polyanthea Medicinal* esgotou a sua 1.^a edição de 2 150 exemplares em menos de 12 anos e que a escreveu em português (a língua erudita era o latim ..) para ser difundida pelos lugares e vilas do reino, onde não há médico, mas apenas barbeiro ou cirurgião ignorantes que cometiam os maiores abusos.

Inéditas são as «receitas» que se seguem às quais o autor do ms. chamou *Remédios varios e alguns experimentados tirados de hum livro de manu escrito que tinha o Padre Francisco Mathias em Pombeiro no Amo de 1724*. É espantoso que «medicina erudita» do séc. XVIII (os frades não estavam à margem do seu tempo, ao menos no plano cultural...) tenha dado guarida a tais «medicamentos», ensalmos e exorcismos que revelam uma mentalidade arcaica, retrógrada, mais aberta ao maravilhoso de que inclinada a dextrar-se conduzir pela luz da experiência e da razão. O séc. XVIII foi um período de enormes contrastes... Ao lermos o que era aconselhado para curar as sezões, as maleitas, a dor de coração, de garganta, para evitar o fluxo de sangue, o inchaço, o que era preciso para estender nervos encolhidos, acordar de noite, dormir bem, recuperar a memória, etc, etc, fica-nos a sensação de que a medicina popular, outrora como hoje, não era tão popular, isto é, tão independente da que era apanágio das camadas cultas como poderíamos imaginar, à primeira vista. Creio, aliás, que seria preciso analisar e melhor dilucidar o conceito de medicina popular para que os pontos de vista, que a esse respeito se têm ventilado, viessem a merecer uma maior convergência dos estudiosos, como acontece com outros temas afins, de que me

permito destacar, como paradigma, a noção, igualmente fluida e melindrosa e portanto discutível, de religião popular.

Sigamos a lição do manuscrito:

- 1 — «Virtudes das tripas do lobo e do focinho delle, unhas de Anta da mam esquerda.
As tripas do lobo hao de ser femea; serve para os homens e se tras amarrada na cintura sobre a carne e serve para Almorreymas e quando ellas apertão se coze hua pequena [parte] da tripa e se dá a beber.
Os focinhos do lobo servem para os homens que tem asma, dependurados ao pescoço, o focinho de lobo he para asma para as mulheres.
As unhas de Anta servem para malanconia.
- 2 — As castanhas de cahyâpia ou a cayapiha são para [usar] contra pesonha.
- 3 — «*Ad cognoscendum iter mulieris virginis*»
Lançar arruda nas brazas e a que for corrupta se sahirá e a virgem ficará; ou dar lhe a beber azeviche em agoa ou vinho; e a que for corrupta logo ourinará; o que não fará a virgem.
- 4 — «*Para deter o sangue dos narizes.*»
Tomar do sangue cahido e escrever na testa de quem o lançou — «Consumatum est» — Logo estancará.
- 5 — *Para aborrecer o vinho.*
A pelle de enguia seca, moida e lançada no vinho; ou o fole da lamprea dado a beber.
- 6 — «*Para quem deyta sangue pela boca.*»
Caganitas de ratos pizadas com ortigas e algum assucar e beber hua xícara piquena.
Dada por Roque da Costa medico da Camera».
- 7 — «*Remedio para reter purgas.*»
No pescoço por hum pano de vinagre à roda delle e lavar os pulsos; ou cossar os testículos da parte que vae do Cecego [sic] athe os grãos; ou por hum ovo em a garganta junto à forquilha.»
- 8 — *Ossos de carneiro*
«Os ossos dos pés de carneiro do lugar junto da coxa, chamado seja, e trazidos na algibeira dos calções ou outra qualquer semelhante são preservativos da siatica e applicandosse a quem delia se doer que os não tenha trazido consigo se aliviara da queyxa. He remedio muitas vezes experimentado».
A margem:
«Hade se tirar sem lhe chegar faca nem ferro e se porá o osso de carneiro da coxa de onde for a dor».
- 9 — *Virtudes da pele de cobra*
A pele de cobra que costuma largar queymada e posta em sima de algũa ferida a deyxã sãa e se houver bico ou ferro na cama o atrahe a si athe o tirar fora; quem trouxer consigo os pos da dita pele sera preservado de lepra e de lhe empecer qualquer peçonha e tem muitas virtudes; mas ha ser queymada estando o sol no signo de Aries que he a 21 de Março athe 20 de Abril; tambem para as crianças, etc. 10 — *Alecrim*
A flor e folhas de alecrim feytas em po e trazidas junto ao corpo afugenta os 3 inimigos que são pulgas, piolhos e persevejos e trazidas da banda esquerda

empedem a malenconia e alegrão o coração. A flor e folhas metidas nas cayxas entre a roupa a concervão de se cortar nem traça. O sumo do alecrim lançado nos ouvidos tira a dor que procede de frialdade e outros males que pode haver. As folhas bem machucadas postas sobre a chaga a curão e cerrão. O alecrim afugenta todo o mal venenoso, cujo fumo serve contra a peste e mal contagioso. As folhas de alecrim pisadas e feyto delia emprasto serve para as crebaduras dos meninos postas sobre ellas porque soldão e fortificação em 9 dias. Para retenção de ourina, folhas de alecrim cosidas com vinho branco e applicadas bem quentes como emplasto aos genitales fazem urinar.

Lavar as crianças com agoa de cozimento de alecrim se crião limpas, sem sarna nem coceyra, etc. O sumo de alecrim lançado nos ouvidos lhe tira a dor.

11 — *Pimpinela*

Quem trazer consigo a raiz que toque na carne em qualquer parte prezerva da peste.

A mulher que trazer consigo raizes não em[prenha]. O cosimento da dita raiz e folhas bebido livra do mal do figado em 24 horas.

12 — *Maleytas*

Toma hum bocadinho de pao da porta de hum cornudo e poem no ao pescoço do doente sem elle o saber. Ou dar lhe a beber caco de defunto moído sem o doente o saber.

13 — *Tiricia*

Toma hum ovo muito fresco lançada fora a gema e galadura, enchelo de agoa de rosa e com a clara, bem desfeita tudo, beber isto nove dias pela menhã em jejum.

14 — *Para secar o leyte as mulheres*

Toma as folhas de sabugueiro e poem nas estendidas e enchutas sobre os peytos logo se irão abrandando e secando.

15 — *Para fazer parir logo*

Carne de lobo tostada em hũa panella bem tapada ao fogo e depoyz pizada e dada a quantidade de hum didal depois bebida em agoa ou vinho.

16 — *Remedio para quem não retem as ourinas*

Tomasse hum sapo e metesse em hũa panella, e barrada se mete no forno e depoyz se tira e achando se torrado se lhe apanhão os olhos e se metem em hua bolça e se dará ao doente para que a traga ao pescoço; no principio hade orinar muito; porem logo ha de ir diminuindo athe ficar são.

17 — *Para dor de dentes*

«A cabeça de perdiz ou os miolos postos no dente tira a dor».

Cf. B. P. M. do Porto, ms. n.º 394.

Outros manuscritos da B. P. M. do Porto fornecem elementos de grande valor para o estudo comparativo do tema. Destaco o n.º 1036, intitulado «modo de compor varios medicamentos tirado de diversos autores», pertencente à Congregação do Oratório do Porto e também o n.º 1117 contendo «varios remedios pertencen-

çentes a curas de Bestas e também alguns para queixas de gente», em n.º de 177, ao todo.

Para concluir, acrescentarei que a *Medicina Theologica*, supracitada, considera que:

«O amor he enfermidade» — cap. 6;

«A nostalgia ou saudades he enfermidade» — cap. 7;

«A erotomania ou loucura amorosa he grande enfermidade» — cap. 8 e ainda trata:

«Da ninfomania ou furor uterino das mulheres» ... cap. 10;

«Os prazeres do amor tomados com excesso ou intempestivamente são causa de muitas enfermidades dos cazados» — cap. 11;

«Dos remedios formulados convenientes no Satyriazes e furor uterino como também na exaurição por abuso do matrimónio», fornecendo as receitas adequadas, algumas bem estranhas. »

Cf. ms. n.º 871, da B. P. M. do Porto.

«Santos Advogados contra os achaques e enfermidades do corpo humano»

Segue-se uma lista por ordem alfabética:

Santo Abraão, Abade, Advogado contra o demaziado choro dos meninos. Santo Adelredo, Abade, Advogado contra a dor de pedra gotta artetiça tosse seca e colica.

Santo Adrião, Martir, Advogado contra a peste e quebraduras. Santo Alberto, Confessor, Advogado contra as Sezoens. Santo Amaro, Abade, Advogado contra os achaques das pernas e braços. Santa Águeda, virgem e Mártir, Advogada contra as dores dos peitos. Santo Anastácio, advogado contra os demónios e doenças de qualquer género. Santo André Avelino, Confessor, advogado contra os acidentes de apoplexia. Santa Ana, Mãe da Mãe de Deus, Advogada contra a esterilidade e coisas impossíveis. Santo Antão Abade, advogado contra o fogo sacro e Erisipilos. Santo António de Lisboa, Advogado e deparador das couzas perdidas. Santo Apolinario, Bispo Martir, Advogado contra as quebraduras. Santa Apolonia, virgem e Martir, advogada contra a dor de dentes. Santa Bárbara, virgem, advogada contra trevoens e rajos. Santo Bertholomeu, Apostólico, advogado contra a paixam de medo e sombramento

de demónio. São Bento, Abade, advogado contra as mordeduras das aranhas e outros incetos venenozos e feitiços.

São Braz, Bispo, Martir, Advogado contra os achaques da garganta. Santa Brizida, viuva, advogada contra as dores de cabeça. Cabeça Santa, Advogada, contra a ronha, gafeira e raiva. Santa Cuncra, virgem, Martir, Advogada contra as esquinencias. Santo Calogero, confessor, advogado contra o mal das Hernias e infestaçoens do Demonio.

São Carlos Borromeu, Arcebispo, Advogado contra a peste.
São Christóvão, Martir, Advogado contra o fastio.
Santa Clara, virgem Martir, advogada contra a esquinência.
São Domingos, confessor, advogado contra as febres.
Santo Eduardo, rei da Inglaterra, confessor, advogado contra a gota coral e desmayos.
Santo Estafinio, bispo, advogado contra a gota.
São Fiacrio, confessor, advogado contra os cancrios e almoreimas
São Felipe Neri, confessor, advogado contra os terremotos e para alcançar de Deus
boa morte.
Santa Flamina, virgem martir, advogada contra os achaques dos olhos. São
Focas, Martir, advogado, contra a mordedura das serpentes e outros bichos
peçonhentos. São Francisco de Paula, confessor, advogado para ter sucessão
masculina e dar agua
nos lugares secos.
São Ganfrido, confessor, advogado, contra ouzagre, doença dos meninos.
Santo Ignacio, Martir, advogado contra as doenças do coração. São Gregório
Magno, Papa, advogado contra as dores de estomago. Santo Ignacio de
Loiola, confessor, advogado, contra os partos perigosos. São João Baptista,
advogado contra as dores de cabeça. São João Evangelista, advogado contra
o veneno. São Jose, advogado, para alcançar de Deus boa morte. São
Leonardo, abade, advogado, libertador dos cativos. São Liberto, bispo,
advogado contra a dor da pedra. São Lourenço, Martir, advogado para dar
bom vento aos navegantes. São Lupo, bispo, advogado contra a epilizia.
Santa Luzia, virgem, martir, advogada, contra os achaques dos olhos. São
Mamede, martir, advogado contra a falta de leite das mulheres que crião. São
Marcai, bispo, advogado, contra os incendios. São Marculfo, abade, advogado,
contra as alporcas. São Marino, Martir, advogado, contra a sarna e comichão.
Santa Martha, virgem, advogada contra o pulgão lagarta e mais incetos que des-
troem as vinhas.
São Nazario, confessor, advogado contra as dores de cabeça e fernezis. São
Nicolau, bispo de Aliria, advogado das donzelas pobres e desemparradas. São
Nicolau Tolentino, confessor, advogado contra maleitas terçans. Santo Onofre,
confessor advogado contra as febres. Santo Ovídio, arcebispo de Braga,
advogado, contra as dores de ouvidos. São Pedro de Alcantara, confessor,
advogado para conseguirmos de Deus tudo
quanto lhe pedirmos por sua intercessão. São Pedro Gonçalves Teimo,
confessor, advogado contra os naufragios e bichos que
damnificão as hortas.
São Pedro, Martir, advogado contra a pedra que destroi as sementeiras.
São Platão, Martir, advogado e libertador dos cativos. São Quintino,
bispo e advogado contra as febres.
São Quintino, martir, advogado contra a surdez e mais achaques dos ouvidos. Santa
Quiteria, virgem, martir, advogada, contra as mordeduras de cães danados. São
Rafael, advogado dos enfermos e caminhantes. São Raimundo de penaforte,
confessor, advogado, contra toda a casta de febres.

Os fortes reis magos Gaspar, Belchior e Baltasar advogados, contra acidentes epiléticos ou mal caduco e vertigens contra os perigos dos caminhos, febres e toda a casta de feitiços e morte repentina e especial dos que estão sentenciados à morte.

Santa Rita de Cassia, viuva, advogada dos impossíveis.

São Romano, presbítero, advogado contra os perigos das águas.

São Romão, Martir, advogado, contra as mordeduras de cães danados.

São Roque, confessor, advogado contra a peste.

São Sabino, martir, advogado, contra o imoderado fluxo de sangue.

São Thiago, Mayor, Apostolo, advogado contra os perigos da guerra.

São Sebastião, Martir, advogado contra a peste.

São Servulo, confessor, advogado, contra o mal de perlezia.

São Seguesmundo, Rei da Bergonha, Martir, advogado contra as cezoens, especialmente quartans.

Santa Syria, virgem, advogada contra a dor da pedra.

Santa Tecla, virgem e martir, advogada dos que caem no fogo.

São Tude, bispo-martir, advogado contra o mal da toçe.

São Uvaldo, bispo e confessor, advogado e libertador dos endemoninhados e contra os assombramentos do demonio.

São Venancio, msrtir, advogado contra as quedas.

Santa Uvalvurga, virgem, advogada contra as mordeduras de caens danados.

Cf. Ms. n.º 569 da B. P. M. do Porto, ff. 69 e ss. (Procedente do convento de S. Francisco do Porto).

Este elenco é igual ao que o oratoriano de Lisboa, Luis Cardoso, publicou em volume, em 1727, sob o título sugestivo *Receita Universal* e já acima referido.